



## **Dossiê II Congresso Internacional Psicanálise e Filosofia: Psicanálise e os Labirintos da Alma**

**doi** **Resenha do livro *Afetos em mosaico: para uma fisiopsicologia da decadência em Nietzsche*, de Isadora Petry**

**PETRY, I. (2024). *Afetos em mosaico: para uma fisiopsicologia da decadência em Nietzsche*. Curitiba: Kotter Editorial.**

**id** Vinicius Souza de Paulo

O livro de Isadora Petry, fruto de sua tese de doutorado defendida na Universidade Estadual de Campinas, sob orientação de Oswaldo Giacóia Júnior, vem ocupar um lugar muito pouco explorado na pesquisa Nietzsche brasileira. Ainda que o tema da decadência em Friedrich Nietzsche tenha sido objeto de pesquisa em alguns trabalhos no campo nacional, como o livro atesta de maneira profícua em sua minuciosa abordagem exegética da recepção do tema não só no Brasil como na pesquisa Nietzsche internacional – o que por si só coloca o livro em posição de destaque – há uma especificidade na abordagem de Petry que vem ocupar um espaço significativo nos debates que giram em torno da questão da *décadence*, termo que Nietzsche faz questão de grafar em francês e que surge nessa forma em um período específico de sua obra, na passagem de 1887 a 1888 período que, não seria descabido afirmar, se trata de um dos mais produtivos da vida de Nietzsche, em que diversos livros foram concebidos, ainda que não publicados, em alguns casos, se não postumamente, como se deu com *Ecce Homo*, mas que contempla também, *O caso Wagner*, *Crepúsculo dos ídolos* e *O anticristo*, por exemplo.

A grafia em francês do termo, com efeito, muito mais do que uma mera questão de estilo possui uma intenção e um escopo significativo para o projeto crítico de Nietzsche, e é neste ponto que o livro de Petry se destaca ao resgatar o impacto e a repercussão que a questão da *décadence*, tal

como ela se manifesta, como uma das fontes hermenêuticas principais no seio da literatura francesa, em locução com os artistas franceses, “em seu sentido propriamente estético, no interior de um movimento artístico predominantemente literário – o decadentismo –, que tinha Charles Baudelaire como um dos seus principais precursores” (p. 25). A pergunta “que está no horizonte de toda a pesquisa” (p. 25), portanto, consiste em compreender “qual é o estatuto de tais fontes na teoria da *décadance* de Nietzsche, tal como esta aparece entre 1887-1888, e em que medida tais fontes se relacionam com a decisão do filósofo em manter a grafia francesa do termo *décadance*” (p. 25).

É, sobretudo, no interior da relação incontornável que há entre o problema da decadência e a questão do niilismo na filosofia nietzschiana que, a dimensão que torna quase impositivo o uso da grafia em francês do termo, pode ser concebido de maneira particularmente significativa. A imbricação dessa relação é muito bem ilustrada no seguinte questionamento introdutório de Petry:

Se niilismo, por um lado, parece ter sido encarado pelos intérpretes e comentadores de Nietzsche como um conceito-chave de sua filosofia, *décadance*, por outro lado, foi em grande parte um termo interpretado sobretudo em sua relação com a fisiologia. Embora seja equivocado dissociar a ideia de *décadance* de um determinado entendimento da fisiologia em Nietzsche [...], ainda não há uma resposta satisfatória para a pergunta: por que Nietzsche prioriza o termo *décadance* em suas obras publicadas, de modo que inflexiona o conceito de niilismo ao conceito mais amplo, de *décadance*, nas obras escritas entre 1887-1888? (p. 39)

A resposta a essa questão, como pontua a autora, não “implica em um caminho fácil, pois ela pressupõe que possamos levar verdadeiramente a sério o contato e o confronto de Nietzsche com determinada literatura francesa, os poetas e artistas do *décadentisme*” (p. 39), com efeito, a pertinência dessa questão justifica-se ao longo do livro na análise muito meticulosa das fontes e das leituras que Nietzsche fez nesse período no âmbito da literatura francesa do século XIX, bem como, na abordagem metodológica em que o argumento é construído: levar a sério essa relação entre Nietzsche e o *décadentisme* francês, como afirma Petry, “não significa estabelecer exhaustivamente, em uma abordagem historiográfica, o que Nietzsche de fato leu e o que ele não leu” (p. 39), ao contrário, trata-se “interpretar a escolha do filósofo pelo conceito *décadance* como um significante fundamental da sua ‘tarefa maior’, a transvaloração dos valores” (p. 39). Este projeto tem como guia alguns nomes predominantes, tais como Charles Baudelaire, os irmãos Jules e Edmond Goncourt, também Théophile Gautier e, com mais destaque, a figura central de Paul Bourget.

De uma maneira geral, o percurso analítico inicia-se com as primeiras inclinações em pensar a *décadance* como um processo de declínio (capítulo 2). Nesse sentido, a autora estrutura sua abordagem a partir de uma rigorosa investigação das fontes do pensamento nietzschiano sobre a

*décadence*, com base no trabalho seminal de Giorgio Colli, Mazzino Montinari e também nos estudos de Giuliano Campioni (subcapítulo 2.3). Esse diálogo com os comentadores serve de alicerce para compreender como o filósofo alemão reinterpreta e expande a noção, especialmente em diálogo com a tradição literária francesa. Aqui, a influência de Paul Bourget é essencial, uma vez que Bourget articula a *décadence* como estilo, dando as bases para a apropriação nietzschiana (capítulo 3). Nesse sentido, o livro destaca de maneira muito rica o movimento de torção conceitual promovido por Nietzsche em relação à interpretação de Bourget sobre a *décadence*. A *décadence* emerge não apenas como um processo de declínio, mas como um estilo, um fenômeno estético que ganha contornos específicos no solo fértil da literatura francesa. Essa reconfiguração do conceito abre caminhos para uma discussão mais rica e plural, em que a *décadence* é reconhecida como uma força dinâmica que molda formas de expressão e pensamento. O ponto culminante dessa investigação, com efeito, reside na multifacetada e ambivalente imbricação de Nietzsche com Baudelaire. Este encontro intelectual não apenas ilumina aspectos centrais do capítulo 3 do estudo, mas também permeia o livro todo configurando-se como um dos destaques do extenso trabalho de pesquisa de Petry.

A autora ressalta, nesse prisma, a complexa e rica conexão entre Richard Wagner e Baudelaire, sugerindo que esta relação não é meramente acidental ou comparativa, mas configura o que ela chama, com perspicácia, de um “caso” Wagner-Nietzsche-Baudelaire (explorado de maneira detalhada no subcapítulo 3.4). Nesse contexto, a melodia infinita wagneriana e a prosa poética baudelaireana são tratadas como expressões paradigmáticas da *décadence*. Ambas são compreendidas como signos de decomposição estilística, um traço característico de uma época marcada pela fragmentação e pelo excesso. Sobre este assunto em particular, algo que merece menção é o instigante posfácio escrito por Henry Burnett (p. 229), um dos maiores especialistas brasileiros sobre o tema, que aponta justamente o quão significativo e frutífero é, no imenso escopo de estudos sobre a questão Nietzsche e Wagner, trazer para o debate a relação, a influência e o apreço que, especialmente Wagner, mas também Nietzsche, este sob diversos aspectos muito ambivalentes, nutriam por Charles Baudelaire. Algo que por si só também coloca o livro de Petry em um lugar destaque nos estudos sobre o tema em Nietzsche.

Dessa forma, a decadência literária pode ser vista como uma metáfora para a decadência cultural da modernidade. Esse estilo destaca constantemente, por meio das expressões da linguagem, a ideia de uma anarquia dos átomos, a fragmentação da vontade, a incapacidade de criação de obras orgânicas e integradas, além do empobrecimento da energia que marca e absorve os dramas musicais de Wagner e as produções literárias da *décadence* em suas formas mais elevadas.

Segue-se daí outro ponto alto da obra, a saber, o estudo das interseções entre Nietzsche e os irmãos Goncourt (capítulo 4). Diferentemente da grandiosidade de Wagner ou da densidade poética de Baudelaire, os Goncourt exemplificam a *décadence* por meio de uma estética fragmentada e detalhista, marcada por mosaicos e pitorescos. A autora explora como essa perspectiva, embora menos celebrada, também contribui para o debate sobre o estilo decadente como uma forma de responder às inquietações culturais da época. A obra dos Goncourt é lida como uma manifestação da estética decadente, cujas formas ecoam as tensões e contradições de uma era em transição.

Esse trajeto culmina no importante capítulo 5, que traz para a discussão os aspectos propriamente fisiopsicológicos dos processos inerentes à *décadence*, em um movimento que elucida a forma como Nietzsche abarca em sua filosofia todo esse arcabouço crítico da literatura francesa em seu diagnóstico cultural. Como relata Oswaldo Giacoia, em sua apresentação no início do livro, é neste passo que “a autora se vale de sua formação pessoal como psicanalista, para explorar com grande propriedade a frequência por Nietzsche, em suas análises dos aspectos fisiopsicológicos da *decadência*” (p. 19), e o faz tomando como fonte teórica as obras do médico Charles Féré, de maneira especial a obra *Degeneração e criminalidade*, colocadas em uma interlocução muito profícua com o conceito muito central para Nietzsche, a *vontade de poder* (*Wille zur Macht*). Novamente aqui a autora dialoga com importantes nomes da *Nietzsche-Forschung*, em especial, Werner Stegmaier, revigorando, de maneira muito interessante, todo o debate relacionado à importância da análise estética na crítica nietzschiana da cultura à luz das contribuições que a sua pesquisa sobre a *décadence* buscou trazer sob novas cores e contextos. Como Petry afirma, “corresponde à criação do artista um *quantum* de vontades de poder, que podem ser tanto ascendentes em relação à vida, quanto vontades declinantes” (p. 194). Nesse sentido, é “no plano do artista e das condições fisiológicas daquele que cria, que reside o fulcro do diagnóstico nietzscheano das artes da *décadence*” (pp. 194-195).

Portanto, é inserido nesse prisma que se torna essencial colocar a questão da decadência no cerne da filosofia de Nietzsche, “admitindo o amplo alcance que os poetas franceses tiveram para o filósofo, em especial os poetas e escritores dos derradeiros anos, como Bourget, Baudelaire e os Goncourt” (p. 225). Esse movimento “muda não só a nossa visão do problema da *décadence* como, também, a nossa visão do próprio Nietzsche’: coloca-o no centro da *décadence*, bem como coloca a *décadence* no centro de sua filosofia” (p. 225). É entre esses grandes nomes e figuras no seio da literatura francesa, Paul Bourget, Charles Baudelaire, Edmond e Jules de Goncourt, etc., que Petry consegue afirmar com muita precisão “como o conceito de *décadence* passa ao primeiro plano nas obras escritas por Nietzsche entre 1887-1888, de modo que o niilismo se transforma na *lógica* da

*décadence*” (p. 228) e, com efeito, é precisamente nesse confronto de Nietzsche com tais figuras, “que o filósofo passa a compreender e afirmar a ideia de *décadence* em todos os seus ângulos e gradações: ao mesmo tempo, saúde e doença, modernidade e contramovimento da modernidade” (p. 228). É tendo em vista todos esses aspectos, argumentado de maneira muito clara no livro de Isadora Petry, que a questão da *décadence* é central no projeto nietzschiano de transvaloração dos valores [*Umwertung*], trazendo novas perspectivas para o intrincado problema entre saúde e doença na filosofia de Nietzsche, derrubando, como Petry enfatiza, “o imaginário de que saúde e doença são categorias previamente estabelecidas” (p. 228).

A obra, por fim, enriquece de maneira muito significativa aspectos importantes do diagnóstico nietzschiano sobre a modernidade e abre perspectivas e novas formas de se articular questões também muito pertinentes, criando pontes de interlocução da filosofia de Nietzsche com diversos outros campos de análise e problemas, tais como a própria psicanálise, consolidando-se assim como uma importante obra no campo das ciências humanas, demasiado humanas.